



ENSP/FIOCRUZ



Curso de Especialização em Direitos Humanos e Saúde – 2024

Luara Almeida Oliveira ¹

“Reis do Agronegócio” ²

O agronegócio se apropria de uma linguagem violenta a partir de estratégias que fomentam fome, trabalho escravo, monocultura, devastação ambiental e grilagem. Assim, os interesses do sistema capitalista se assemelham às máquinas de moer gente tendo em vista os impactos sociais, ambientais e culturais. Com isso, o capitalismo periférico latino-americano, com base na dinâmica econômica do agronegócio, gera processos de devastação na sociedade no que se refere à poluição da natureza, rios, solos, contaminação dos alimentos e matança de animais silvestres.

Segundo Ailton Krenak no livro *“Ideias para adiar o fim do mundo”*, o nosso tempo é especialista em criar ausências, assim, o tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera o prazer e a fruição da vida. O líder indígena complementa no livro que “a ideia de nós, os humanos, nos deslocarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos (2019, pp. 22-23).”

De acordo com Alentejano (2020, p. 252): *“a conjuntura agrária brasileira tem hoje como marca fundamental a hegemonia do agronegócio, reforçando o poder do latifúndio, bloqueando a reforma agrária e colocando na defensiva os movimentos sociais e povos do campo”*. Dessa forma, o agronegócio cultiva um estilo de agricultura forjado em uma estrutura de exploração intensiva contribuindo para a adoção de políticas trabalhistas, ambientais e econômicas satisfatórias à configuração do agro.

¹ Psicóloga (Universidade Federal de Sergipe)

² Resenha do artigo [“O Significado de AGRO É POP: Pobreza, Opressão, Poluição”](#) (Luizinho Oliveira, 15/04/2024) publicado na coluna Opinião do Blog Multiplicadores em Vigilância em Saúde do Trabalhador, entregue à disciplina “SUS: a expressão de um desejo”, Prof. Dr. Luiz Carlos Fadel de Vasconcelos.

A estética hiperbolizada acerca do agronegócio em propagandas midiáticas expressa uma necessidade de reconfiguração de imagem e de discurso tendo em vista o processo violento por parte constitutiva da lógica do modelo. Além das questões do desmatamento e dos agrotóxicos, também a água tem se revelado objeto de disputas que revelam a face desigual e perdulária do agronegócio (Alentejano, 2020).

Krenak elucida *“O que aprendi ao longo dessas décadas é que todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção de sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda”* (2019, p. 45). A lógica desenvolvimentista corrobora para um desajuste em busca de excesso que gera escassez e infertilidade da terra, do humano e da vida. Chico César reflete sobre os impactos opressores do agronegócio, como diz a música *“Reis do agronegócio”: “Pobre tem mais é que comer com agrotóxico/Povo tem mais é que comer se tem transgênico/É o que acha, é o que disse um certo dia/Miss motosserrainha do desmatamento/Já o que acho é que vocês é que deviam/Diariamente só comer seu "alimento"”*.

Referências

Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Alentejano, P. A hegemonia do agronegócio e a reconfiguração da luta pela terra e Reforma Agrária no Brasil. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, SP, Dossiê “Conjuntura no Brasil: retrocessos sociais e ações de resistência”, v.4, n.42, p.251-85, 2020.